

PRÉ-ROMANTISMO EM BOCAGE: “IMPORTUNA RAZÃO, NÃO ME PERSIGAS!”

Lucas Moreira dos Santos¹

Resumo:

Este artigo analisa o poema de Bocage "Importuna Razão, não me persigas", com o intuito de esclarecer fatores que foram decisivos no processo de transição da estética neo-clássica para a estética romântica, no século dezoito. Através de uma leitura metalingüística, constatamos a mudança radical sofrida pela arte, quando os pressupostos racionalistas foram substituídos pela subjetividade e pela sensibilidade como os novos guias no processo de criação artística.

Palavras-chave: Pré-Romantismo, razão, subjetividade.

Abstract:

This article analyses Bocage's poem "Importuna Razão, não me persigas", with the intent to clarify decisive factors in the process of transition of the neo-classic aesthetics to the romantic one, in the eighteenth century. Through a metalinguistic reading, we check out the radical change in the arts, when the rationalist prescription was replaced by subjectivity and sensibility as the new guides in the process of artistic creation.

Key-words: Pre-Romanticism, reason, subjectivity.

Importuna Razão, não me persigas;
Cesse a ríspida voz que em vão murmura;
Se a lei do Amor, se a força da ternura
Nem domas, nem contrastas, nem mitigas.

Se acusa os mortais, e os não obrigas,
Se (conhecendo o mal) não dás a cura,
Deixa-me apreciar minha loucura,
Importuna Razão, não me persigas.

É teu fim, teu projeto encher de pejo
Esta alma, frágil vítima daquela
Que, injusta e vária, noutros laços vejo.

Queres que fuja de Marília bela,
Que a maldiga, a desdenhe; e o meu desejo
é carpir, delirar, morrer por ela.

“Bocage”.

Poeta português do final do século XVIII, Manuel du Bocage foi consagrado em seu país como maior expoente da poesia de sua época, seja pela continuidade que deu à tradição neoclássica de Camões, ou por sua contribuição para o surgimento de uma nova estética, o Romantismo. Bocage pôde experimentar sentimentos contraditórios,

¹ Graduado em Letras pela UFU e pesquisador do PIBIC/CNPq.

em matéria de vida e de arte, próprios de um período de transição ao qual chamamos de Pré-romantismo.

Cindido em sua personalidade, devido à oposição entre um ideal de vida e sua efetividade real, Bocage sofreu de instabilidade, variando de paixões excessivas aos estados de depressão niilistas. O amadurecimento de sua arte foi acompanhado por um crescente envolvimento passional com a matéria de sua expressão, aproximando sua poesia de sua própria subjetividade. Essa atitude que privilegia a expressão imediata e única do indivíduo em detrimento das representações do universal e do permanente, evidencia o teor revolucionário de uma nova estética que veio se opor ao convencionalismo árcade. Podemos investigar o caráter e a natureza dessa nova poesia a partir dos temas tratados por Bocage, como iremos destacar na análise do poema *Importuna Razão, não me persigas*.

Imediatamente no primeiro verso, o qual intitula o poema, nos deparamos com o desejo do eu-lírico de se libertar das amarras da razão, importuna mediadora de assuntos que envolvam emoção, paixão ou inclinações do instinto corporal. A voz do autor se dirige à Razão, em dissonância com o espírito racionalista do século das luzes, o século XVIII, e em tom de ousadia blasfematória, ordena-lhe que se “retire”, pois a poesia de estados líricos não é o seu lugar. *Se a lei do Amor, se a força da ternura / Nem domas, nem contrastas, nem mitigas* (versos 2 e 3), então não me importune, é a mensagem do poeta que conhece a natureza e os limites da Razão, esta que oprime e confunde os sentimentos, o amor, a ternura.

Em se tratando de paixão e sensibilidade, ou seja, as bases fundamentais da arte romântica, o caráter opressor da atividade racional, esta que impõe ordem, nitidez e impessoalidade, se reflete nos versos dos dois tercetos: *É teu fim, teu projeto encher de pejo / Esta alma, frágil vítima daquela*, isto é, o poeta que canta o amor, segundo uma experiência pessoal, quer se livrar do “pejo” (pudor, timidez, estorvo) gerado pela razão, para expressar de forma fluida, inconseqüente e apaixonada sua sensibilidade específica e individual, fonte da sua inspiração e da sua necessidade expressiva.

A poesia árcade concebia toda obra de arte enquanto imitação da natureza e, imitar a natureza significava revelar sua harmonia, simetria, sua racionalidade profunda, em função das quais os filósofos concebiam as leis do universo. A imitação e a objetividade prezadas por essa estética oprimem os impulsos subjetivos do artista, disciplinando-os. É nesse sentido que interpretamos a ousadia expressa na voz central

do poema aqui em pauta, prenúncio da era romântica, na qual o gênio não se deixará guiar por modelos e pressupostos, mas irá criar livre e espontaneamente, com base numa explosão, num surto irracional de seu sentimento profundo.

Este poema de Bocage, para além de uma mera “convulsão” de sentimentos, manifesta o radical desejo romântico de “transferência, para o sentimento, do poder de direcionar o procedimento e penetrar no mistério que somos e no mistério que nos envolve.” (CIDADE, 1986:17). Nesses termos, o espírito contestador da ordem racional, esta que organiza a sociedade moderna, ameaça o projeto de otimismo difundido pela nova classe no poder, a Burguesia, e pelos filósofos iluministas, pois desacredita na redução do universo a um mecanismo racional ou ainda na redução do humano a uma essência meramente racional. Tais reduções são responsáveis pela miséria simbólica em que se encarcerou o homem moderno, fechado dentro de um código rígido, repleto de clichês e estereótipos que não correspondem a nenhum sentir profundo, além da miséria social que vem progressivamente aumentando a diferença de poder entre classes, em função de um sistema que legitima a dominação e a exploração entre os homens.

A Razão, *Se (conhecendo o mal) não dás a cura* (verso 6), nem para o sofrimento individual do eu-lírico, tão pouco para as contradições sociais da era moderna, deve ceder lugar para a Sensibilidade nos tratos com o universo e nas relações entre os homens. Eis o cerne da revolução romântica. Sobre ele nos fala Rosenfeld: “o homem deve realizar-se na criatividade e na sensibilidade. A inspiração instantânea, a centelha intuitiva é o verdadeiro guia de seu aprendizado.” (ROSENFELD e GUINSBURG, 1985:267). Significa dizer que o homem deve despir-se das ideologias que o manipulam e de toda retórica instituída, para assim poder posicionar-se criticamente frente a coletividade em que se insere, e também ter a possibilidade de elaborar um sentido vivaz e autêntico a partir de sua relação direta com o mundo que ele próprio experimenta. O ímpeto irracional, o gênio original e a exaltação dionisíaca sobrepõem-se à contenção, à disciplina apolínea da época anterior. Tempo em que a poesia devia pagar tributos à ordem social e às regras clássicas de composição.

“O termo clássico, na sua origem, refere-se a um autor de obras para as camadas superiores.” (ROSENFELD e GUINSBURG, 1985:262). O Bocage pré-romântico se referia com desdém à sua produção clássica: versos “Escritos pela mão

do fingimento”, “Cantados pela voz da Dependência”, pois escrevera muitos poemas encomendados por dinheiro. Poesia “Dulce et utile”, nos termos de Horácio, concebida para consumo interno, ou seja, para uma elite de iniciados nos ambiente acadêmicos, composta pelos próprios poetas e pela classe rica que os financiava.

Apesar da temática visionária trabalhada nesse poema, (uma explícita negação da contenção e impessoalidade impostas pela “polícia” da Razão), é na forma do poema analisado onde encontramos a herança da educação erudita do poeta. A forma clássica de soneto foi a opção do autor, o que nos é bastante compreensível, dado o momento de trânsito em que ele se encontrava. Segundo Cidade (1986) *É sobretudo na harmoniosíssima melodia, cuja preocupação em Bocage se sobrepõe à da valentia de expressão, que consiste a oposição, puramente formal, do elmanismo ao filintismo*². (CIDADE, 1986:20)

Tomando por base o próprio poema, atestamos essa incongruência formal em relação à sua temática apaixonada, na estrutura métrica que se configura rigorosamente por decassílabos, (todos os versos), o que confirma a dificuldade de Bocage em se livrar totalmente dos pressupostos de harmonia e regularidade impostos pela estética neoclássica a todo gênio criador. Desse modo, as rimas obedecem a um rígido esquema, característico da forma soneto, dispostas em ABBA ABBA CDC DCD, onde a letra A representa o núcleo semântico do poema (a negação da estética classicista – “Importuna Razão, não me persigas”) e B estaria para as condições que explicam os motivos dessa negação. E para completar a musicalidade restrita do soneto, temos constâncias tonais fortes nas quartas, sextas e décimas sílabas. Sobre o aspecto rítmico, afirma Paz (1984) em seu estudo sobre o Romantismo, que a procura do ritmo verbal pelos primeiros românticos culminou na visão do universo como um sistema de correspondências, em oposição à concepção iluminista de sistema mecânico. Dessa maneira, trabalhando sob um novo paradigma de universo, para os poetas do romantismo inglês e alemão “a versificação pela rigidez métrica transformou-se facilmente em medida abstrata, eloqüência, raciocínio em verso, sendo então substituída pela versificação acentual, preenchida pela vitalidade da linguagem coloquial”. (PAZ, 1984:124).

² Entenda-se elmanismo e filintismo, respectivamente, por Classicismo e Romantismo.

Um outro traço de preocupação com o equilíbrio formal do poema pode ser notado pela disposição paralelística de suas duas primeiras estrofes. Em razão de sua complementaridade, elas formam um único bloco semântico e rítmico, com os dois últimos versos da primeira dialogando com os dois primeiros da segunda, similares em ritmo (com uma pausa na metade, como se formados por dois segmentos), e pela repetição de idéias concentrada na partícula “se”. Fechando o ciclo de recorrências, os dois últimos versos da segunda estrofe reiteram os dois que iniciam o poema. A estrutura do paralelo entre os versos dessas estrofes poderia ser montada assim: AA BB BB AA, ou seja, se a consciência das causas de seu sofrimento emocional não o ajuda a apaziguar seu ânimo, então o eu-lírico clama “Deixa-me apreciar minha loucura” (verso 7).

O poeta romântico prestes a nascer e demarcar território, ainda que à margem do sistema cultural, assumirá, com consciência mais profunda que qualquer outro homem, o status de louco. “Pois o poeta é, com efeito, uma coisa etéreamente leve, alada e sagrada, e não pode compor nada que mereça o nome de poesia enquanto não se sente inspirado e, por assim dizer, louco, ou enquanto a razão permanecer nele.” (PLATÃO Apud OSBORNE, 1978:186). Como nos falou Platão no Banquete do Íon.

No que ainda se refere à ausência de novidades lexicais e construções sintáticas propositadamente perturbadoras da ordem comum, observamos que o vocabulário do poema é claro e distinto, bem ao gosto racionalista. O princípio metafórico não reina ainda nesses tempos de transição, portanto o discurso lógico em que encerra o soneto constitui-se de conceitos abstratos e imagens transparentes, cuja interpretação não exige muito da intuição e sensibilidade do leitor, mais se deve a um trabalho de organização coerente. Na última estrofe, por exemplo, a única metáfora que aparece é a expressão “morrer por ela”, que por sinal rima com “Marília bela”, do verso antecedente, em que tanto o nome próprio quanto o adjetivo são “lugares comuns” bastante visitados no período árcade.

Para a conclusão desta análise, consideramos que o Bocage Pré-romântico foi um importante colaborador para a necessária renovação da mentalidade clássica em mentalidade moderna. Como procuramos demonstrar com a análise de um de seus poemas libertários, (no qual a oposição do Amor à Razão é uma forma de dizer que o sentir, e não apenas o pensar, compõe a essência humana), Bocage inovou, sobretudo na substância de seus temas, mesmo correndo o risco de ser levado a um hospício,

como de fato ocorreu ao final de sua vida. Este verdadeiro herege de seu tempo ousou criticar a nova “religião” da Razão, proferida pelas academias, pelo Estado e pelos tantos moralistas que fizeram por difamá-lo em vida.

O Pré-romantismo significou, portanto, um primeiro passo para a elaboração de uma poética espontânea, baseada em movimentos passionais, a qual se formalizou, mais adiante, com o Romantismo e o Simbolismo do século XIX. A mudança de perspectiva responsável pela valorização da subjetividade e da sensibilidade no processo de significação e representação do real, propôs a transferência do poder de determinação do homem e da sociedade ao símbolo sensível, não mais ao abstrato.

Referências:

BOCAGE, Manuel du. **Sonetos**. São Paulo: Editora Martin Claret, 2004. Coleção A Obra-Prima de Cada Autor.

CIDADE, Hernâni. **Coleção Poetas**. Lisboa: Editorial Presença, 1986.

GUINSBURG, J. e ROSENFELD, Anatol. Romantismo e Classicismo. In: GUINSBURG, J. (org.). **O Romantismo**. São Paulo: Perspectiva, 1985.

LAJOLO, Marisa e MARANHÃO, Ricardo. O mal-amado e desconhecido Bocage: **Literatura comentada – Bocage**. São Paulo: Nova Cultural, 1988.

OSBORNE, Herold. **Estética e Teoria da Arte**. 3ª ed. Tradução de Octavio Mendes Cajado. São Paulo: Cultrix, 1978.

PAZ, Octavio. **Os Filhos do Barro**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.